

n°13
mesa
postal
Parque
Urbano

“Tenho na imaginação que isso era um campo com montes de areia e uma escuridão que nem toda a gente passava aí... e do circo também ser aí: é a imagem que vem à memória.”

Francisca Catatão



Viver a Cidade

Virgínia Fróis

Fazer nossa a Cidade

Viver será deslizar no tempo, nas referencias que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações.

No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias.

Sentir o irregular das pedras que os nossos pés taceiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas.

Parar muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um transito do visível para o invisível?

O filosofo José Gil, falava a propósito do *Livro do desassossego* de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós.

Uma emoção breve, um pulo para o virtual.

Por um momento breve o passado e o futuro agora.

Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? *

(*) *A partir da frase final O artista pensa com visões, proferida por José Gil Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, Março 2014*

PARTIDA



O Parque Urbano

Um dos espaços icónicos de Montemor-o-Novo - é o maior espaço verde da cidade. Foi espaço de mercados, de feiras e de circos, em terreno descampado cor de barro. Hoje, as brincadeiras ao ar livre fazem-se de animação, da Oficina da Criança, da piscina recreativa municipal, do Cinema ao Ar Livre, do Dia Mundial da Criança entre outros.

“No meu imaginário estão também todas as idas ao Parque Urbano que é mesmo ao lado de minha casa. Lembro-me de lá ir com o meu pai comprar pastilhas à do senhor Coxixo e adorar passar por baixo, a correr, das fontes em forma de arco do anfiteatro do parque, onde acabei por ficar todo molhado. Foi no parque que aprendi a

andar de bicicleta e vi as piscinas municipais cheias de garças-brancas a deliciarem-se com as minhocas escondidas por entre a relva da manhã. Hoje, moro no mesmo espaço, com calma e com uma vista verdejante privilegiada e com o barulho das corujas pela noite fora.”

João Pedro Água





“Quando isto ainda era só terra, veio aí um circo e só aí estava ainda o nosso ponto de água. Eles aproveitaram isso para os elefantes, para os animais, para lavar aquilo, para tudo... Depois até nos ofereceram uns bilhetes para irmos ver o espetáculo.”

João Reis, morador no Parque Urbano

“As roupas e os plásticos eram pelo parque abaixo. Depois, os brinquedos, os carros de choque, os carrosséis e isso, eram junto à avenida - devia de ser para as pessoas passarem e verem...”

Paula Amaro, moradora no Parque Urbano

“O palco ficava virado portanto, o palco ficava ali encostado quase à parede do cemitério porque não havia aquilo onde agora estão as bancadas. Lembro-me de vir lá o Paco Bandeira.”

João Reis, morador no Parque Urbano





À conversa com

José Grulha

/ João Pedro Água

/ Aquilo, mais ou menos, na altura era parecido com o que é hoje, assim nas áreas que tinham na festa ou era muito diferente daquilo que é hoje?

José - O Parque Urbano hoje está diferente, tem construções diferentes, tem aquelas fontes que foram construídas. O terreno tinha sido adquirido pela Câmara à família Laboreiro, se não estou em erro, foi aquele terreno todo da feira e aquele onde está agora a CHE (...).







/ E nas próprias feiras o que havia era aquilo que há muito hoje que é também os concertos, não é?

José - Isso havia sempre também. Lembro-me, em '83, uma segunda-feira de feira, houve um vendaval. O concerto era com Os Tubarões, um grupo caboverdiano, e um grupo português, os Trovante!

O concerto teve que ser mudado para o Curvo Semedo - o vendaval, levou o palco todo, tudo para o chão. E, então, o concerto dessa noite foi no Curvo Semedo, completamente cheio e as pessoas cá de fora a protestarem que queriam entrar.

/ E quando era lá no Parque Urbano, o palco era em que zona?

José - O palco, normalmente, era onde estão situadas as piscinas (...) um grande concerto que lá houve, foi na altura do último ano, foi na última feira: os Sitiados, foram lá segunda-feira com aquela fulana que tocava acordeão.



Lembro-me foi um espectáculo memorável! Aquilo era tudo gente a saltar e a dançar lembro-me.

E foi uma imagem que me ficou com esse grupo, os Sitiados.

/ Também teve o Paco Bandeira lá no Parque Urbano, não foi? Tiveram vários...

José - Numa das primeiras feiras, ainda o Fernando Farinha. Numa das primeiras feiras veio o Fernando Farinha, que era um grande fadista, uma das grandes vozes do fado em Portugal. E o José Mário Branco, a Luísa Basto, passaram por ali todos.





/ Em termos de diversões, na altura, para os mais pequeninos? Haviam os carroceis...

José - A parte de diversões e a parte de feira de quinquilharia e desse tipo de coisas era sempre muito mais alargada, muito mais alargada, muito maior do que é hoje. Isso é verdade. (...) Foi ali na Feira das Colheitas, lá em cima, que começou a aparecer, pela primeira vez as comissões de

moradores, na altura havia as comissões de moradores, faziam sempre um pavilhão muito grande onde havia comes e bebes e o dinheiro revertia sempre para a organização da feira. Era um pavilhão grande com mesas, cadeiras, era frangos assados, havia tudo!





/ E já havia a exposição de gado ou isso foi uma coisa que só aconteceu depois?

José - Não, não. As primeiras exposições de gado, tenho a impressão, foi no final dos anos 80. Eu sei que a primeira grande exposição de gado que aí houve eles chamaram cá o primeiro-ministro de então que era o Cavaco Silva (...) eu tenho impressão que essa aí assim é mesmo das últimas feiras lá em cima. Daí, dá-se o salto cá para baixo (...).

/ E na altura também já havia as associações a terem o próprio espaço também lá na festa?

José - Mesmo aqui em cima já havia, com muito menos expressão do que hoje, não é? Aliás, hoje isso deu um salto qualitativo porque também, entretanto, com o 25 de abril, criou-se uma enormidade de associações. Por exemplo, aqui em Montemor que associações é que havia? Havia a Carlista, havia a Pedrista, havia os bombeiros, havia o Grupo União Sport (...).

/ Eu vi lá umas imagens onde estava a Cercimor...

José - A Cercimor nasce logo a seguir ao 25 de abril (...).

/ E também havia aposta no desporto durante aqueles dias da Festa das Colheitas?

José - Havia sempre aposta no desporto. (...) Haviam sempre provas desportivas na altura da Feira da Luz, sempre. Como hoje ainda há.

/ Mas antes não eram seis dias...

José - A Feira da Luz foi sempre três dias - sábado, domingo e segunda. Depois passou a ser a sexta, depois passou a quinta e agora já é a quarta, pronto (...).



/ Naquela zona acontecia a Festa das Colheitas e também havia outro tipo de mercados ou era só mesmo a festa?

José - Havia os mercados mensais.

Eram ali também.

E eram grandes,
na altura (...).



/ E, em relação já às piscinas, à inauguração do Parque Urbano enquanto Parque Urbano em si?

José - Quando foi a inauguração das piscinas, era o Carlos Pinto de Sá que era o presidente da Câmara mas eu acompanhei aquilo tudo. Aliás, era a área que eu tinha na altura na Câmara era as obras municipais e a administração urbanística, nessa

altura. (...) Vim de propósito cá para ir à inauguração das piscinas. Eu até nem queria vir mas depois o Pinto de Sá telefonou-me duas ou três vezes “Porra, vem cá. Então, tu é que foste o responsável por isto, anda cá” e eu acabei por vir. Lembro-me da inauguração da piscina e de todo o trabalho que ali foi feito. E do Parque Urbano foi um trabalho lindíssimo (...).



“Isto aqui das piscinas... começaram a abrir buracos, a fazer coisas em cimento. Depois fizeram casa e isto foi rápido a fazer. A gente já aqui morava. Aquilo ali é esferovite (as pedras).”

João Reis, morador no Parque Urbano



Festival Contra Corrente

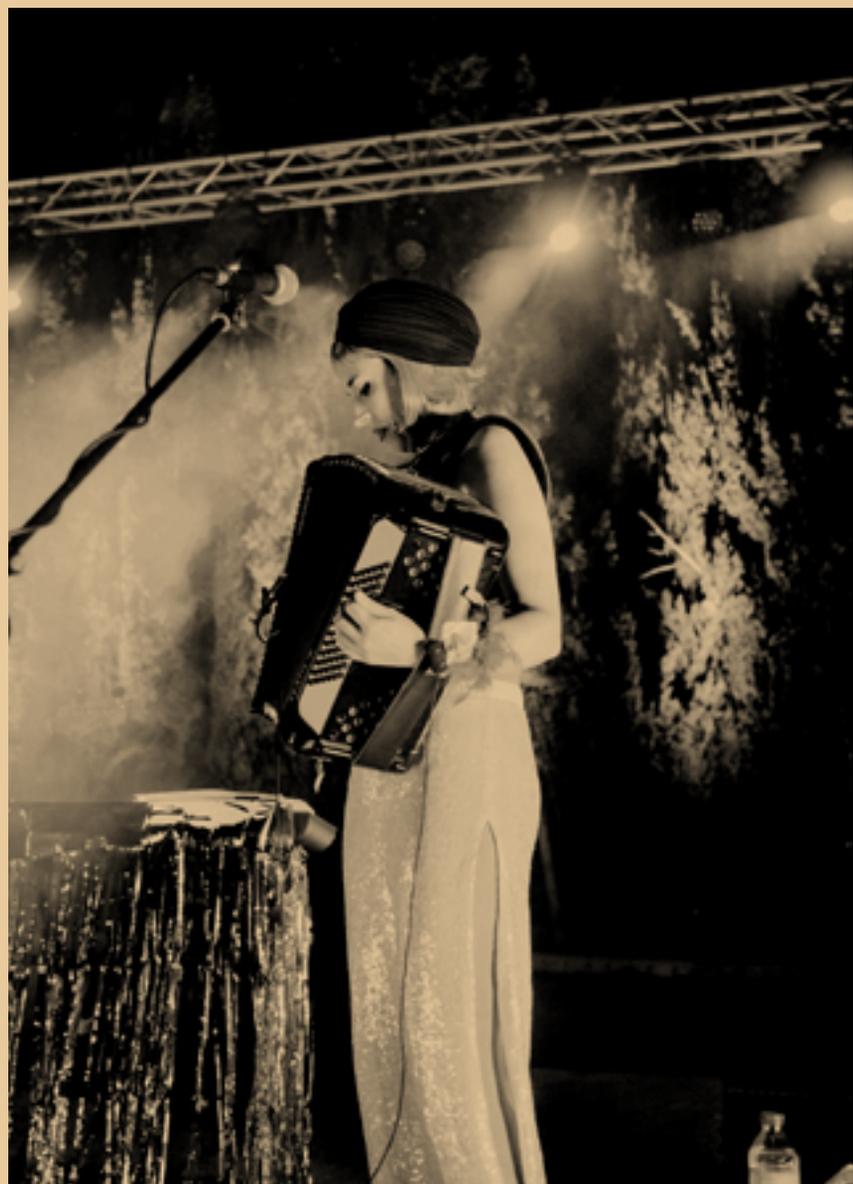
a associação cultural Make Noise no parque urbano

O Parque Urbano foi cenário do festival Contra Corrente, sendo as últimas duas edições neste espaço, em 2021 e em 2023, particularmente marcantes para a equipa da 'Make' e para os voluntários.

Em 2021, o festival regressou ao parque depois de uma paragem forçada, devido à pandemia, e, embora apenas tenhamos apresentado concertos e as atividades de lazer tenham sido canceladas, sentimos que a população montemorense, e não só, já sentia falta de eventos culturais e desportivos junto de si. Nesta edição, transformámos o auditório do Parque Urbano numa verdadeira sala de espetáculos ao ar livre, com as estrelas e a lua a brilhar como holofotes, e trouxemos grandes artistas como Noiserv, Arranca Santos, PZ, Cassulle, Fado Bicha, Papillon ou Doubleman.

O ano de 2023 marcou o regresso do festival ao Parque Urbano na expectativa de dar ainda mais vida a esta zona da nossa cidade, recheando o relvado principal do parque com centenas e centenas de festivaleiros de todas as idades e ao som de artistas como Discos Perdidos, Sequin, Soul Raiser, Hellas, Cálculo ou ECMTD. Mas nem só de música viveu esta edição do festival: artes circenses, conversas informais, dança, ioga, leitura de contos infantis, marionetes, meditação, teatro e muitas outras atividades também fizeram parte da programação.

Em 2024, festejamos o 10º aniversário do festival - e celebramos com a Oficinas do Convento na edição desta Mesa Posta no dia 08 de junho, em pleno festival!



Amêndoas, ceras de figos
E carradas de melão!
Capotes, trajos antigos
E barracas de torrão!

Vinham de longe feirantes,
Vinham ganhões e pastores
E das herdades distantes
Vinham patrões e feitores!

Fruta, cebolas e alhos,
Alfarroba e ervilhanas
Guizeiras, molins, chocalhos
E mantas alentejanas!

Por toda a parte se via
Barracas, divertimentos
E uma libra valia
Apenas quatro e quinhentos!

De todo o lado chegavam
Trens, carroças, churriões
E os miúdos compravam
Brinquedos a dez tostões!



Quando um toiro bravo fugia
Para as bandas da estalagem,
Era sempre uma razia
Nos burros da ciganagem!

Depois da besta ferrada
Um almoço alentejano!
De tarde ia-se à tourada
E à noite ao Circo Mariano!

Feira antiga, podes crer,
Mesmo longe, na distância
Tu continuas a ser
A feira da minha infância!

de Manuel Justino Ferreira
“Poeta que parte... Poemas que ficam”





III Simpósio Internacional Escultura em Terra(cota) - HABITAR 2001

Este Simpósio reuniu, em Montemor-o-Novo e durante um mês, vários artistas plásticos, nacionais e alguns vindos do estrangeiro. Várias das peças criadas foram expostas no local do Parque Urbano de Montemor-o-Novo e algumas delas ainda por lá estão.

“Estamos agora na zona nova da cidade onde temos tentado interpretar uma nova forma de habitar em que se tenta conciliar a habitação, o lazer, a qualidade de vida e foi também esta zona e também por isso que escolhemos para colocar algumas das peças do Simpósio que quisemos colocar de forma a que interrogassem as pessoas, que ecoacionassem, que pusessem dúvidas sobre o que é a peça, o que significa, o que está aqui exatamente para podermos lançar o desafio da interrogação do habitar, do local, da relação entre habitar e local.”

O então Presidente da Câmara Municipal Carlos Pinto de Sá (2001)

Mesa Postal 13 ─ 1ª edição ─ 150 exemplares
─ ─ ─ recolha de conteúdos João
Pedro Água pela Make Noise ─ ─ ─
─ ─ ─ coordenação Oficinas do Convento ─ ─ ─
─ ─ ─ edição gráfica Miguel Rocha ─
Fontes: Francisca Catatão, João Reis, Paula
Amaro, José Grulha, Câmara Municipal de
Montemor-o-Novo (Arquivo Municipal,
Biblioteca Municipal, Gabinete de Informação,
Comunicação e Imagem do Município
e Património Cultural do Município) ─
Bibliografia: 30 anos de Abril Volume II”,
“Boletim Municipal de Montemor-o-Novo
(março 2000)”, “Artesãos do Educar
Oficina da Criança 2011-2021”, “Percurso
- 30 anos de uma oficina para crianças”,
“Youtube - Oficinas do Convento”, “Youtube
- Município de Montemor-o-Novo” ─
─ ─ ─ Oficinas do Convento - associação
cultural de arte e comunicação ─ ─
Carreira de S. Francisco, Convento de S.
Francisco 7050-160 Montemor-o-Novo ─ ─
─ ─ oc@oficinasdoconvento.com ─
www.oficinasdoconvento.com ─ ─ ─



Mesa Posta Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava à época do Carnaval, as pessoas punham a mesa. Pôr a mesa significava encher uma mesa em casa com comida e bebida, e durante os dias de Carnaval, por vezes a semana inteira, ter a porta aberta para receber os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando assim velhos amigos ou familiares, conhecendo novas pessoas, sempre em volta de mesas postas, ao sabor de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas eram comuns, acompanhando as danças, as conversas, os reencontros, e o caminhar. Era o momento do ano em que as pessoas se davam tempo para se visitar, se rever, se descontraír, com a primavera à porta, e o inverno duro a chegar ao fim. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, faz sentido procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.

uma iniciativa:  em parceria:  estrutura financia por:

OFICINAS
CONVENTO



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
MUSEU NACIONAL
DE ARTE